

Esforço fiscal começa a atrair investidores

Economia - Brasil

C-Bond acumula alta de 6,93% no mês e risco país fica no nível mais baixo desde 10 de junho

A política econômica ortodoxa seguida pelo governo Lula começa a ser recompensada pelos investidores, como mostra o bom desempenho dos títulos da dívida externa do País nas últimas semanas e a conseqüente queda do risco país, que ontem fechou abaixo de 1.200 pontos. O C-Bond, o papel brasileiro mais negociado, acumula alta de 6,93% no mês e de 12,17% no ano, um movimento estimulado em boa parte por notícias como o superávit primário (receitas menos despesas, exceto gastos com juros) de 7,01% do PIB em janeiro e pela percepção de que a reforma da Previdência é de fato prioridade do governo. Ontem, o título subiu mais 0,85%, fechando em 74,313% do valor de face, o mais alto desde 31 de maio. O risco país, calculado com base numa cesta de títulos da dívida, recuou 1,98%, para 1.189 pontos, o nível mais baixo desde 10 de junho. No ano, a queda é de 17,72% e no mês, de 10,13%.

Segundo gestores de fundos de países emergentes, investidores estrangeiros estão migrando para os títulos brasileiros, incentivados por notícias positivas dos fundamentos da economia do País, como o esforço fiscal adotado pelo governo do PT e o forte ajuste das contas externas, apesar da ameaça de guerra entre EUA e Iraque. De acordo com Dario Pedraja, gestor sênior da Biscayne Americas Advisors, está havendo mudança na alocação de ativos por investidores de mercados emergentes, que vêm abandonando países com desempenho melhor em 2002, como Rússia e Turquia.

“Vínhamos argumentando com os investidores que os prêmios de risco dos títulos da dívida



brasileira não estavam de acordo com os fundamentos brasileiros, principalmente se compararmos a taxa de risco do Brasil com a Turquia.” O risco da Turquia é de 750 pontos e o do Brasil é de 1.189 pontos, o que significa que os títulos rendem, em média, 7,5 pontos percentuais e 11,89 pontos percentuais acima dos títulos do Tesouro americano.

Segundo o economista-chefe do Banco JP Morgan, Luís Fernando Lopes, não há nenhum título de país emergente com rentabilidade semelhante e o

mesmo grau de risco dos papéis brasileiros. Hoje, Nigéria (1.643 pontos), Equador (1.573) e Venezuela (1.425) têm riscos próximos ao do Brasil. “Investir em papéis do Brasil é muito mais seguro do que nesses países. A Nigéria está em default, o Equador saiu de um calote e a Venezuela passa por uma crise institucional”, afirma Lopes.

Para o diretor de Pesquisa de Mercados Emergentes do Goldman Sachs em Nova York, Paulo Leme, o excelente resultado fiscal de janeiro, a disposição do Banco

EQUADOR E VENEZUELA TÊM RISCO PRÓXIMO DO BRASIL



Agliberto Lima/AE

Mercado em alto astral

Marcelo Rocha, que trabalha na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), mostrou que tem samba no pé e acompanhou o ritmo de uma mulata na prévia carnavalesca realizada ontem em frente a seu local de trabalho, no Centro de São Paulo. O Carnaval na

Praça, realizado há 15 anos consecutivos durante o horário de almoço dos operadores do pregão, foi animado pela bateria da escola de samba Rosas de Ouro, por puxadores de samba de todas as escolas do Grupo Especial e por 20 mulatas passistas.

Central (BC) em aumentar os juros para conter a inflação e o empenho em aprovar reformas explicam em boa parte a queda do risco país. Mas há outro fator técnico que explica a demanda por títulos brasileiros. Leme e Lopes lembram que, em 2002, o BC recomprou papéis da dívida no exterior, reduzindo o volume de títulos no mercado. Como aumentou a per-

cepção de solvência da dívida, há mais espaço para títulos do País na carteira dos investidores.

Segundo Ruggero de Rossi, gestor de fundos de mercados emergentes da Oppenheimer Funds, se a guerra começar, o risco país pode dar um salto temporário, cedendo com o fim do conflito para o nível de 900 pontos. “Contudo, para que o risco se mantenha em queda

após o fim de uma guerra, será preciso que o governo Lula implemente as políticas que vem prometendo, como a aprovação das reformas da Previdência e tributária, entre outras.” De todo modo, Rossi acredita que o nível do risco do País não é justificável em comparação com a taxa de risco de outros mercados emergentes. (Sergio Lammucci e Fábio Alves/AE)